Arte | Educação | Performance

Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026

ISSN 2319-0868

A DECOLONIALIDADE DO SABER E O ENSINO DA ARTE: PRODUÇÕES ACADÊMICAS E OUTROS MODOS DE SABER

THE DECOLONIALITY OF KNOWLEDGE AND ART EDUCATION: ACADEMIC PRODUCTIONS AND OTHER WAYS OF KNOWING

LA DECOLONIALIDAD DEL SABER Y LA ENSEÑANZA DEL ARTE: PRODUCCIONES ACADÉMICAS Y OTRAS FORMAS DE SABER

Michael Lemos
Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo/SP, Brasil

Resumo

Este artigo tem como objeto o Ensino da Arte, e como objetivo geral apresentar pesquisas decoloniais no campo da Arte Educação. Os objetivos específicos são: verificar de que modo as produções de conhecimento são apresentadas academicamente; e verificar se há algum tipo de hierarquização de saberes nestas pesquisas. Como escolha metodológica, este texto apresenta a construção de um Estado do Conhecimento (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021), que analisou pesquisas de Arte Educação na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI). No que diz respeito ao quadro teórico, este artigo contou com reflexões de Christov (2021), Delfino (2022), Missiato e Missiato (2022), entre outros/as pesquisadores/as. Apesar de os resultados revelarem o baixo número de pesquisas acadêmicas decoloniais, apontam para produções nas quais o conceito de Decolonialidade do Saber é praticado ao longo dos estudos, demonstrando que a Arte Educação pode ser um campo de pesquisa com potencial para práticas acadêmicas decoloniais.

Palavras-chave: pesquisa acadêmica; ensino da arte; educação de pessoas jovens adultas e idosas.

Abstract

This article focuses on Art Education, with the general objective of presenting decolonial research in the field of Art Education. The specific objectives are: to examine how knowledge production is presented academically; and to highlight the place occupied by participants in research involving human subjects. As a methodological approach, this text presents the construction of a State of Knowledge (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021), which analyzed research on Art Education in the Education of Young, Adult, and Older People (EJAI). With regard to the theoretical framework, this article draws on the reflections of Christov (2021),

LEMOS, Michael. A DECOLONIALIDADE DO SABER E O ENSINO DA ARTE: PRODUÇÕES ACADÊMICAS E OUTROS MODOS DE SABER. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 68, e2033, Ano 2026.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Delfino (2022), Missiato and Missiato (2022), among other researchers. Although the results reveal the low number of decolonial academic studies, they point to research in which the concept of the Decoloniality of Knowledge is put into practice throughout the studies, demonstrating that Art Education can be a field of research with potential for decolonial academic practices.

Keywords: academic research; art education; education of young, adult, and older people.

Resumen

Este artículo tiene como objeto la Enseñanza del Arte, y como objetivo general presentar investigaciones decoloniales en el campo de la Educación Artística. Los objetivos específicos son: verificar de qué manera las producciones de conocimiento son presentadas académicamente; y evidenciar el lugar que ocupan las personas participantes en las investigaciones que involucran a seres humanos. Como elección metodológica, este texto presenta la construcción de un Estado del Conocimiento (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021), que analizó investigaciones sobre Educación Artística en la Educación de Personas Jóvenes, Adultas y Mayores (EJAI). En lo que respecta al marco teórico, este artículo contó con las reflexiones de Christov (2021), Delfino (2022), Missiato y Missiato (2022), entre otros/as investigadores/as. A pesar de que los resultados revelan el bajo número de investigaciones académicas decoloniales, señalan producciones en las que el concepto de Decolonialidad del Saber se pone en práctica a lo largo de los estudios, demostrando que la Educación Artística puede ser un campo de investigación con potencial para prácticas académicas decoloniales.

Palabras clave: investigación académica; enseñanza del arte; educación de personas jóvenes, adultas y mayores.

Primeiras Palavras: Sujeitos e o Território da Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas com Arte Educação

Atualmente, muito se fala, lê e escreve sobre Decolonialidade, e sabemos que os ambientes acadêmicos são, também, produtores de conhecimento; neste sentido, saber se a academia, ou parte dela, reflete sobre as consequências do colonialismo é importante. Perguntas como: Quem produz conhecimento? Quem está autorizado/a a falar, escrever e refletir? Em que lugar, em teses e dissertações, está

REVISTA DA FUNDARTE

o conhecimento da pessoa não acadêmica? E em que lugar, nas teses e dissertações, estão os conceitos de pessoas academicamente prestigiadas? Tais perguntas podem nos levar a importantes caminhos nas reflexões de tentativas sobre práticas que se colocam contra a colonialidade. Dessa forma, acreditamos que analisar as pesquisas de pós-graduação no Brasil poderá nos trazer informações sobre colonialidade e Decolonialidade do saber.

A Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI) é, no Brasil, uma modalidade de ensino muito importante, pois garante às pessoas que não estudaram na infância e adolescência o acesso à Educação Básica. Nesta modalidade de ensino, também temos Arte Educação, que, como veremos adiante, conta com Educadores/as formados/as em cursos específicos para ministrarem aulas de Arte. Por atender pessoas que, muitas vezes, foram excluídas do processo de ensino regular (na infância e adolescência), a EJAI se constitui, por si só, como uma modalidade que se pretende Decolonial, pois atende à Decolonialidade do saber. Essa modalidade dá voz e escrita para quem a colonialidade tirou.

Se há um campo que, no caso da Arte Educação, pode ser de pesquisa, e se há uma modalidade de ensino em todo o país, é dever da academia se preocupar com os processos educacionais correspondentes. E assim ocorre, pois, apesar do baixo número de estudos, há pesquisas em todo o Brasil sobre o Ensino da Arte na EJAI.

Desse modo, este artigo traz a seguinte estrutura: Apresentação e reflexão sobre a modalidade EJAI no Brasil; em seguida, apresentaremos o conceito de Decolonialidade do Saber. Após, teremos um Estado do Conhecimento (EC) sobre o Ensino de Arte na EJAI, para que, a partir do cruzamento de dados entre os conceitos e análises do EC, seja possível refletir sobre os objetivos propostos para este artigo.

Como anunciado anteriormente, procederemos com a apresentação da EJAI no Brasil e traremos como exemplo a EJAI na cidade de São Paulo. Importante lembrar que a EJAI ainda é conhecida nacionalmente como Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas este artigo usará o termo EJAI por respeitar todas as pessoas que são atendidas por esta modalidade.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Atualmente, temos no Brasil, de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 3, de 8 de abril de 2025, que institui as novas diretrizes para EJAI no âmbito nacional (Brasil, 2025), o seguinte:

> Art. 2º A EJA é uma modalidade de ensino que visa ao cumprimento do direito de toda pessoa à Educação Básica, garantindo o acesso ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio e oportunizando a ampliação da escolarização de seu público.

Deste modo, qualquer pessoa que não teve acesso, na infância ou adolescência à Educação Básica, deve ter este direito assegurado por meio da EJAI. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo oferece a EJAI às pessoas a partir de 15 anos que não tenham tido acesso ou que, por algum motivo, tenham saído da escola. Nesta Rede Municipal, o Ensino Fundamental (EF) é desenvolvido através de 5 formas de atendimento, a saber: EJAI – Regular, EJAI Modular, Movimento de Alfabetização (MOVA SP), Centro Municipal de Capacitação e Treinamento (CMCT) e o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), que, desde 1993, existe na cidade e, atualmente, conta com 17 unidades em diferentes bairros de São Paulo. Os componentes curriculares do CIEJA são os mesmos presentes na LDBEN 9394/96; então, há Arte semanalmente para todos/as os/as discentes e, assim, há um/a professor/a com habilitação específica para o desenvolvimento dessas aulas. Nesse sentido, assim nos explica o Currículo da Cidade, um documento oficial que baseia o ensino na Rede Municipal de São Paulo:

> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (LDB/96) apresentou a Arte como componente curricular obrigatório. A arte assumiu seu lugar no currículo da Educação Básica como área de conhecimento fundamental para o desenvolvimento cultural dos cidadãos brasileiros (São Paulo, Município, 2019, p. 74).

Dessa forma, a Arte tem papel de destaque na concepção da Rede Municipal de São Paulo. A partir do exposto, percebemos que a EJAI conta com legislação nacional que garante às pessoas o acesso e a permanência na escola e, com isso, o acesso à Arte.

Agora que contextualizamos a EJAI e notamos que o Ensino da Arte é algo assegurado, passaremos então às reflexões sobre o conceito de Decolonialidade do saber, e aqui seremos amparados por Delfino (2022) e Missiato e Missiato (2022).

Atualmente, pode-se ouvir muito os termos Decolonialidade, Descolonialidade, Anticolonialidade, Contracolonialidade, entre outros termos que se colocam como possibilidades teóricas para subsidiar práticas que se pretendem distanciar da colonialidade, pois “A colonialidade pode se manifestar em padrões coloniais de conhecimento, práticas e identidades que foram impostos para serem seguidos” (Carvalho, Bastos, 2025, p. 17), então tal preocupação ganha sentido prático à medida em que tais manifestações se fazem presentes o tempo todo.

A história atual do Brasil mostra que o colonialismo e o neocolonialismo deixaram resquícios nas mais diversas áreas da sociedade, e a Arte e a Educação não estão livres disso. Dessa maneira, amparar-se em teorias e práticas críticas torna-se importante para que o conhecimento e sua publicação possam estar entre todas as pessoas.

Se a Arte Educação na escola ou em instituições de ensino necessita ser Decolonial, as pesquisas acadêmicas não podem se furtar a isso. Assim:

> "O pensar decolonial, conceito encontrado nos trabalhos de pesquisadores como Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Catherine Walsh, dentre outros, objetiva desvendar ficções retóricas que sustentam a reivindicação do monopólio sobre o conhecimento da realidade, geralmente justificada com a pretensa ideia da neutralidade científica." (Delfino, 2022, p. 15).

Interessante que a autora acima nos chama a atenção para refletirmos sobre o monopólio do conhecimento e a pretensa ideia de neutralidade científica. Diante disso, perguntamos: Quem produz conhecimento? Onde estão os conhecimentos de pessoas “comuns”? Como uma pessoa que pesquisa pode ser neutra? Há uma ciência neutra? Há métodos neutros?

Refletindo sobre as questões acima, trazemos as ideias de Missiato e Missiato (2022, p. 111) para nos auxiliar:

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> As epistemologias coloniais de modo habitual justificam suas estruturas com a falaciosa ideia de neutralidade e imparcialidade científica. Seus métodos permitem o questionamento apenas do positivismo histórico que nada mais vê que sua limitada noção de existencialidade humana. A fantasia da neutralidade científica põe à margem milhares de homens e mulheres que permanecem sem acesso ao direito de produzir e transmitir conhecimentos (Missiato e Missiato, 2022, p. 111)

Se em Delfino (2022) encontramos que o pensar Decolonial quer desvendar a ficção retórica do monopólio sobre o conhecimento, além da justificativa com pretensa ideia de neutralidade científica; em Missiato e Missiato (2022), percebemos que essa neutralidade é falaciosa. Então, podemos inferir que a Decolonialidade não põe à margem os conhecimentos de pessoas comuns. Dessa forma, a pessoa pesquisadora que tem a Decolonialidade como base pode aproximar-se humanamente de outras pessoas para compreender as diversas produções do conhecimento, sem que a pretensa ideia de neutralidade a distancie de quem participa de sua pesquisa.

Assim, interessa para quem pesquisa a partir de uma perspectiva Decolonial:

> A decolonialidade visa, então, construir 'uma perspectiva visível, aberta, além de avançar em direção a posicionamentos que deslocam a racionalidade ocidental da posição de única estrutura e possibilidade de existência e pensamento' (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 17). Contudo, para isso, é imprescindível que o pesquisador seja capaz de reconhecer o seu local de enunciação, visto que, ao contrário de uma prática deslocada e desinteressada, o que se tenciona é uma práxis e, por isso mesmo uma ação-reflexão, comprometida com o bem-estar social. (Delfino, 2022, p. 22)

Com a citação acima, podemos pensar que um estudo acadêmico não está solto no mundo, pelo contrário, ele está inserido no contexto de quem pesquisa e de é pesquisado/a.

Com o exposto, queremos apresentar, timidamente, reflexões sobre a importância do conceito de Decolonialidade, para que, mais à frente, possamos verificar se isso acontece nas pesquisas em Arte Educação sobre a EJAI no Brasil.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Cartografias do Saber: O Estado do Conhecimento como Percurso Metodológico

Este artigo quer
refletir sobre como as pesquisas em Arte Educação praticam os estudos acadêmicos e, para isso, realizamos a construção de um Estado do Conhecimento (EC), com as orientações de Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), pois, como definiremos mais à frente, o EC é uma técnica que nos permite ir além da revisão de literatura Lemos, 2023). Para atingirmos os objetivos deste artigo, o EC mostrou-se um importante aliado. Um EC é construído a partir do que chamam as autoras Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021) de Bibliografias. A cada bibliografia, como explicaremos a
diante, a pessoa que pesquisa pode construir conhecimentos usando pesquisas anteriores. As Bibliografias são:

- Anotada, nesta fase acontece a leitura atenta dos títulos, resumos, objetivos e identificação do objeto de cada pesquisa.
- Sistematizada: Neste momento é necessário se aprofundar nos objetivos, metodologia e resultados, que irão se somar ao EC. Aqui há a possibilidade de serem retirados do EC os estudos que não estiverem em consonância com os objetivos propostos no projeto.
- Bibliografia Categorizada: A partir das primeiras leituras, o/a pesquisador/a está em condições de selecionar os estudos que estão em consonância com o projeto inicial e, então, ler na íntegra as pesquisas selecionadas. À medida que as leituras são feitas, temas serão identificados. Temas que dialogam, concordando ou discordando entre as pesquisas e, neste momento, a pessoa que pesquisa pode atender ao que diz Bardin (2018) sobre a análise de conteúdo.

REVISTA DA FUNDARTE

Assim:

> Nesse sentido, o principal objetivo desta etapa é realizar o que podemos chamar de 'agrupamento' das produções por temáticas, ou seja, com os trabalhos selecionados deve ser realizado o reagrupamento das produções segundo blocos temáticos". (Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt, 2021, p. 69).

Propositiva, que, segundo Moronini, Kohls-Santos e Morosini (2021, p. 127), é: "Organização e apresentação de, a partir da análise realizada, proposições presentes nas publicações e propostas emergentes a partir da análise". Contudo, neste artigo, não apresentaremos esta fase do EC, pois nosso objetivo é refletir sobre as escolhas metodológicas das pesquisas analisadas.

Para a construção deste artigo, realizamos um EC com o tema: O Ensino da Arte na EJAI, e, para isso, recorremos à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e ao Catálogo da Capes em maio de 2026, e passamos para os filtros: nível: mestrado e doutorado; não houve período de defesa para termos todos os resultados possíveis. Já os descritores foram: O ensino da Arte na EJA, O ensino da Arte na EJAI, O ensino da Arte na Educação de Jovens e Adultos e O ensino da Arte na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas. O resultado, por região brasileira, foi: Centro-Oeste: 4; Nordeste: 3; Norte: 0; Sudeste: 7; Sul: 5. A partir destes resultados, focamos na região Sudeste; assim, o aprofundamento se deu nas 7 dissertações defendidas nesta região do Brasil.

Agora que apresentamos a técnica utilizada, os resultados do EC e como se deram as escolhas dos estudos analisados, passaremos para os achados diante de nossos objetivos para este artigo.

Decolonialidade do Saber nas Pesquisas Acadêmicas: O Ensino da Arte na EJAI como Campo Potente à Decolonialidade

Antes de avançarmos com os resultados das avaliações do EC, convém lembrar que cada etapa foi concluída, e que os 7 trabalhos selecionados são frutos das revisões já expostas neste manuscrito. Após a execução das buscas, e o desenvolvimento das Bibliografias Anotada e Sistematizada, alcançamos a

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Bibliografia Categorizada, que é onde podemos exibir os achados desta investigação. Tendo em vista que nosso propósito geral é identificar pesquisas Decoloniais no campo da Arte Educação e adotamos a EJAI como modalidade de ensino, a categoria que emergiu a partir das reflexões e da análise de conteúdo (Bardin, 2018) foi a "Decolonialidade do Saber nas pesquisas acadêmicas: O ensino da Arte na EJAI como Campo Potente à Decolonialidade". Outras apareceram, mas para este artigo, elegemos apenas uma, pois está diretamente vinculada ao foco deste escrito.

Cabe destacar que os dados no EC devem se interligar com os conceitos já discutidos ao longo do desenvolvimento deste artigo; sendo assim, debateremos esse eixo à luz dos escritos de Christov (2021), Delfino (2022) e Missiato e Missiato (2022). As Dissertações averiguadas buscam se afastar da visão única de comportamento científico, de metodologia e concepção de saber de indivíduos que estão "autorizados" a falar e escrever. Observemos o que nos revela Cezário (2019, p. 75), um dos textos investigados pelo EC:

> Assim, a pesquisa de intervenção compreende uma tendência das pesquisas participativas, nos quais o delinear de investigação se dá na relação dinâmica entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, ação e construção coletiva, um modo de intervenção e análises no contato cotidiano [...]. (Cezário, 2019, p. 75).

É possível constatar que a pesquisadora busca estar envolvida com os/as participantes, assimilando a dinâmica do cotidiano e produzindo, portanto, conhecimento compartilhado com as pessoas que integraram a investigação. E prossegue a autora com um elemento relevante para estudos Decoloniais:

> Acertada a posição de que o ensino de arte possibilita a compreensão de multiculturalidade, sobre os códigos estéticos, artísticos e éticos de toda a sociedade, 'opondo-se à concepção de que existe uma cultura pura superior'." (Cezário, 2019, p. 70).

Aqui, alcançamos o sentido mais próximo de Decolonialidade do Saber: uma concepção que se opõe a uma cultura superior; e, se em Cezário (2019) encontramos a premissa que confronta a noção de hegemonia cultural, em Silva

Volume 2026
ISSN 2319-0868

(2019, p. 76) observamos questionamentos que fazem a colonialidade perder sua estabilidade:

> Se a aprendizagem e a construção do conhecimento preveem a troca e a busca por saberes, temos uma tensão quando tratamos da abordagem das relações étnico-raciais: O que pode ser ensinado na escola? Quais culturas do outro são aceitas e de que forma? Ou ainda, por que o ensino de certos saberes sobre eles causa a resistência institucional ao tentar ser inseridos na escola?

Avançando em nossa análise, identificamos Ferreira (2016, p. 54), que expõe a concepção de pesquisa que amparou sua prática e que se associa ao conceito de Decolonialidade discutido neste texto:

> Pensar conhecimento em rede é assumir o distanciamento da grafia em árvore, que não valoriza a 'prática' dos sujeitos nos seus espaços tempos, diferentemente da leitura que se faz da chamada 'teoria', sempre vista com maior relevância. Dessa forma, a voz e atos dos sujeitos 'praticantes' são a parte central desse modo de se produzir pesquisa, de se produzir conhecimento científico, não mais com base na desintegração e na hierarquização vertical do saber, mas na perspectiva de integração como um entrelaçamento rizomático dos fenômenos.

A citação acima caminha junto com Correia (2020) que questiona em sua pesquisa a hierarquia do conhecimento, e assume uma postura crítica sobre as atividades que produziu ao longo de sua pesquisa com estudantes da EJAI. Não há no texto de Correia (2020) conceitos mais importantes ou que são expostos de modo a hierarquizar o conhecimento.

Ferreira (2016, p. 54), está em consonância com o que afirma Christov (2021, p. 2): "E sempre no esforço de não escrever sobre educação e educadores, mas na tentativa de escrever com, de estar com para escrever, de escrever entre." A investigadora, redigindo em primeira pessoa, detalha suas opções ao declarar:

> Como pesquisadora, assumi o desafio de romper com a forma positivista, cartesiana de fazer pesquisa para compreender uma metodologia de pesquisa que não se dispôs a contribuir para definir ou nomear conceitos, mas para tecê-los em rede, num processo que privilegia as relações entre os sujeitos nos seus micro e macro

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> espaços, que tecem saberes junto a subjetividades que os formam." (Ferreira 2016, p. 34).

Souza (2006), assim como Ferreira (2016), rompe com os mitos da neutralidade:

> Uma perspectiva crítica e problematizadora das ciências sociais implica a recusa dos mitos da neutralidade e da objetividade e obriga o pesquisador a assumir plenamente uma vontade e uma intencionalidade política. Ao invés de se limitar a constatar como pensam, falam ou vivem as pessoas de determinado grupo social ou de procurar prever o que seria necessário fazer com vistas a dissolver os conflitos e reforçar a coesão social, nossa postura deve ser outra. (Souza, 2006, p. 64).

Se Ferreira (2016) e Souza (2006) buscam romper em suas pesquisas com a forma cartesiana e almejam assegurar uma metodologia que garanta a subjetividade, Delfino (2022, p. 24) nos afirma que:

> [...] a opção decolonial rejeita a concepção de uma verdade objetiva, descolada da realidade histórico-social na qual o investigador e seu objeto de estudo estão inseridos. Esse modo de pensar a realidade reconhece que o mundo, como o conhecemos, é construído retoricamente, o que invalida a noção de verdade universal ou realidade objetiva, uma vez que elas apenas são verdade dentro da sua enunciação, que não é a única e nem dotada de uma superioridade intrínseca.

Assim, tanto Ferreira (2016), Alvares (2006) quanto Delfino (2022) questionam os conceitos de verdade e de objetividade para privilegiar estudos que consideram todos os participantes como os sujeitos complexos e subjetivos que são.

As últimas citações, apenas para elencar algumas, romperam com o que muitas vezes chamamos, sem a devida reflexão, de rigor científico. A respeito desse termo, é essencial ressaltar a flexibilidade, pois, "Ora, é também preciso lembrar que qualquer organismo rígido em demasia corre sério risco de colapso estático." (Galeffi, 2009, p. 38). Desse modo, torna-se imperativo perceber a realidade na qual a investigação está inserida, sentir, afetar e permitir-se ser afetado pelo estudo em curso, a fim de evitar tal colapso. As pesquisadoras se posicionaram e situaram as pessoas no mesmo patamar em suas averiguações. Estudaram e colaboraram mutuamente com os sujeitos participantes de suas análises. Vale salientar que, em

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

todas as obras examinadas por este EC, existem, de alguma forma, registros de ruptura com o modelo tradicional e com a colonialidade acadêmica. Esse fenômeno não ocorre por acaso; nota-se nos trabalhos avaliados uma preocupação em estabelecer distinções e demarcar suas opções.

Um dos efeitos da colonialidade refere-se à hierarquização do saber. Determinados atores estão autorizados a discursar e a redigir porque as narrativas hegemônicas permitem que isso aconteça, enquanto outros conhecimentos e indivíduos acabam marginalizados, conforme demonstra Silva (2020, p. 28):

> No ambiente escolar, os saberes juvenis costumam ser menosprezados em detrimento do saber acadêmico. Tudo isso faz com que se crie uma relação instrumental com a instituição, ao reduzir os espaços para a expressão das vozes juvenis. Quando a partilha das vozes é limitada, é comum intimidar-se, evadir-se ou subverter-se.

Portanto, temos acima outra investigação que, entre diversas críticas, questiona quais saberes estão autorizados e quais são menosprezados.

Realizar um EC é desafiador, pois se trata de uma técnica que traz amplas contribuições sobre a temática abordada e, no caso deste artigo, apesar do baixo número de dissertações analisadas, foi possível encontrar muitas possibilidades de enfoques decoloniais.

A avaliação de todos os trabalhos que compõem este EC permite identificar, ainda que com diferentes intensidades, a presença de perspectivas que podem ser compreendidas como decoloniais. As escolhas não se restringem aos temas examinados, mas perpassam a própria concepção dos estudos, os modos de construção dos objetos de averiguação, as metodologias adotadas e as relações estabelecidas com os indivíduos que delas participaram. Assim, observa-se um movimento de deslocamento de visões tradicionais de produção do conhecimento, especialmente quando as investigações reconhecem os sujeitos envolvidos como produtores de saberes, valorizam suas experiências e repertórios, e procuram estabelecer vínculos menos hierarquizados entre quem investiga e a comunidade estudada.

As obras analisadas por este EC estão em consonância com o que segue:

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> Resistir à 'colonialidade do saber/fazer/ser' significa, segundo Victorio Filho, Bulcão e Batista (2019), questionar e resistir aos padrões coloniais de conhecimento, práticas e identidades que foram impostos por colonizadores. (Carvalho e Bastos, 2025, p. 9).

Os estudos destacam, sobremaneira, escolhas que rompem com as imposições coloniais, como vimos ao longo deste artigo. Os/as pesquisadores/as afastam-se, conforme observamos em Ferreira (2016), da forma cartesiana de realizar pesquisa; logo, desconstroem também a colonialidade no espaço acadêmico.

Desta maneira, mais do que localizar a noção de Decolonialidade apenas nos objetos, objetivos e metodologias que os trabalhos adotaram, os resultados deste EC permitem perceber tal perspectiva na maneira como o saber é produzido. As sete investigações analisadas apresentam, em maior ou menor medida, opções que tensionam a lógica de uma produção acadêmica centrada exclusivamente no conhecimento legitimado pela ciência e abrem espaço para outras epistemologias, vivências e formas de compreender a realidade. Assim, o conjunto examinado aponta para possibilidades de elaboração de estudos em Arte Educação que não apenas tematizam questões relacionadas à colonialidade, mas que também procuram, em suas próprias práticas investigativas, produzir deslocamentos e relações mais horizontais, sensíveis e dialógicas na construção do conhecimento.

Considerações Finais: Estar com, Escrever entre - Apontamentos sobre Saberes e Sujeitos

A Arte Educação é um campo no qual a horizontalidade pode florescer. As relações acadêmicas podem partir de práticas em que a verticalidade não seja a única opção. A horizontalidade acadêmica se anuncia quando o conhecimento deixa de ser construído de cima para baixo e passa a ser tecido lado a lado. Não se trata de apagar as diferenças entre quem pesquisa e quem participa, mas de reconhecer que cada pessoa chega ao encontro carregando saberes, experiências e modos próprios de compreender o mundo. Assim, investigar pode tornar-se um exercício de

Volume 2026
ISSN 2319-0868

escuta, encontro e construção compartilhada. Desse modo, conceber um estudo na horizontalidade também é pensar de forma decolonial, à medida que os saberes são respeitados e quem examina se aproxima de quem é analisado, seja outro ser humano ou um objeto.

Christov (2021) nos ensina que devemos escrever com alguém, redigir entre pessoas, e as pesquisas em Arte Educação na EJAI mostraram que isso é possível; logo, escrever com e escrever entre é expressar-se de forma horizontal, é investigar em um ambiente no qual todos se vejam e todos participem.

Em síntese, os achados deste artigo permitem sustentar a hipótese de que o campo acadêmico da Arte Educação é potente para o desenvolvimento prático do conceito de Decolonialidade do Saber. É importante ainda ressaltar que a noção de Decolonialidade, ou algum termo próximo a esse, dificilmente aparece nas pesquisas analisadas, e uma justificativa é o período de suas publicações. Apesar de os conceitos não serem recentes, faz pouco tempo que ganharam maior notoriedade. De todo modo, a Decolonialidade do Saber está presente nas obras analisadas por este EC, pois, como já mencionado, a área da Arte Educação, quando crítica, revela-se vigorosa em investigações que produzem e socializam conhecimentos sem estabelecer hierarquizações entre os saberes.

Referências:

ALVARES, Sonia Carbonell. **Arte e educação estética para jovens e adultos: as transformações no olhar do aluno**. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

BARDIN, Lawrence. Análise de Conteúdo. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). Câmara de Educação Básica (CEB). **Resolução CNE/CEB nº 3, de 8 de abril de 2025**. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1 Brasília, 9 abr. 2025.

CARVALHO, Edvaldo do Nascimento; BASTOS, Argemiro Midonês. Pesquisa narrativa na arte-educação: resistência, linguagem e decolonialidade. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, v. 63, n. 63, p. 1-21, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br. Acesso em: 26 jun. 2026.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

CEZARIO, Andreza Patricio Balbino. **Atendimento educacional especializado e Educação de Jovens e Adultos: artes estéticas inclusivas.** 154f. Dissertação (Mestrado Profissional em Docência para a Educação Básica) – Universidade Estadual Paulista, Bauru. 2019.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Escrita de si e texto acadêmico: potência e cuidados no convite ao conhecimento. In: Congresso Internacional de Pesquisa (auto) biográfica**,** 9., 2021, Brasília. **Anais [...].** Brasília: Universidade de Brasília, 2021.

CORREIA, Flávia Gonzales. **O ensino de arte e a educação de jovens e adultos na perspectiva do currículo integrado**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2020.

DELFINO, Michelle Silva de Lima. A colonialidade do saber: uma herança epistemológica colonial? **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 83, 2022. Disponível em: https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1154. Acesso em: 25 jan. 2026.

FERREIRA, Márcia Gomes. **A ressignificação da potência criativa de jovens e adultos pelo ensino da arte**. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2016.

GALEFFI, Dante. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-75.

LEMOS, Michael de Oliveira. **A ausência da Pedagogia na Coordenação Pedagógica de Escolas Públicas Estaduais de São Paulo: Implicações na atuação dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. 2023. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca; MISSIATTO, Héverton Magno. A colonialidade do saber em pós-graduações stricto sensu: a emergência da decolonização das epistemologias do conhecimento. **REALIS – Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-Coloniais**, Recife, v. 12, n. 1, p. 95–115, jan./jun. 2022. DOI: https://doi.org/ 10.51359/2179-7501.2022.249760.

MOROSINI, Marilia; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do Conhecimento: teoria e prática**. Curitiba: CRV, 2021.

SILVA, Adriana Santana. **Ensino de arte na Educação de Jovens, Adultos e Idosos: um estudo sobre a atuação docente no trabalho com as relações**

REVISTA DA FUNDARTE

étnico-raciais. 113f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2019.

SILVA, Grimberg Dailli. **Cinema de relatos de vida: a conversação como uma proposta metodológica na Educação de Jovens e Adultos**. 197f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2020.

SOUZA, Maria José Corrêa de. **Nos (em)cantos da EJA: a desconstrução da imagem na formação do leitor visual da EJA.** 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 2006.

Recebido em: 03/09/2026
Aceito em:16/09/2026
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Nome do Autor: Michael Lemos
Minibiografia: Doutorando em Artes, Área de Concentração: Arte e Educação (UNESP) - 2026. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - 2023. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP) - 2021. Especialista em Educação: Ética, Valores e Cidadania na Escola, pela Universidade de São Paulo (USP) - 2012 e em Gestão da Aprendizagem, pela Universidade Brás Cubas (UBC) - 2019. Licenciado em História, pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) - 2014 e em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera de São Caetano -2010
E-mail: michael.lemos@unifesp.br

CC BY